



LÚCIO CARDOSO E O VIAJANTE: VIDA E OBRA EM REINVENÇÃO CONSTANTE

Beatriz dos Santos Damasceno

Resumo: Este artigo reflete sobre a relação entre o escritor Lúcio Cardoso e o seu livro póstumo *O viajante*, observando as características de inconstância e incompletude tão presentes na vida e na obra do artista.

Palavras-chave: Lúcio Cardoso; *O Viajante*; escrita; corpo

Abstract: This article reflects on the connection between the writer Lúcio Cardoso and his *posthumous* novel *O viajante*, investigating the traits of inconstancy and incompleteness, present in the artist's life and work.

Keywords: Lúcio Cardoso; *O Viajante*; writing; body

Um grande número de escritores já confessou a dificuldade de dar um ponto final aos romances. O apego, a exigência do eterno burilar, as imposições das personagens, os momentos da história em descanso, empoeirando-se nas mesas de trabalho, deixam, por vezes, muitos livros inacabados, sem a cumplicidade dos leitores.

Lúcio Cardoso foi um desses escritores que conviveram com personagens, histórias, lugares e conflitos durante anos. Por ter se dedicado aos diários, deixou para o leitor a trajetória de muitos romances e novelas, a inquietude de sua criação artística, o seu processo de idas e voltas, escritas e reescritas. Além disso, apresentou em contos e em pequenos e esparsos textos, personagens e ambientes que seriam recuperados depois, em grandes romances. Essa característica do inacabado, das histórias que se proliferam e nunca terminam, deixou-nos a ligação inquietante entre o romancista e o livro *O viajante*, lançado em 1973, cinco anos após a morte do escritor.

Em 1951, Lúcio Cardoso já fala sobre a escrita desse romance: “escrevo *O Viajante*, com o mistério e a lentidão de quem abrisse aos poucos uma janela para uma paisagem inteiramente agreste e desconhecida.” (CARDOSO, 1970, p.135) Nas páginas do *Diário* deixou inúmeras referências ao livro, refletindo sobre as diversas elaborações, a inquietude que provocava e, ao mesmo tempo, a certeza do seu valor artístico. Na luta contra o acabamento empobrecedor do romance, teve de refazê-lo várias vezes, reestruturá-lo, dar-lhe novos enfoques,



e, durante anos, dedicou-se a isso. Octávio de Faria relembra as conversas a respeito:

Falávamos pouco, Lúcio e eu, de cada vez que nos encontrávamos, em geral altas horas da noite, em bares ou bancos de praça pública, mas sempre ele descobria um jeito de me pôr mais ou menos a par do andamento do romance. 'Vou refazer tudo!...' Quantas e quantas vezes não ouvi esse grito de guerra, esse brado sincero de sua ânsia de perfeição. E eu, que conhecia mais ou menos as dimensões da obra, que já aprendera a lhe admirar a beleza desolada e impiedosa (poucos romances conheço tão cruéis, tão desesperados quanto este...), se ousava formular uma reticência, uma sombra de protesto, ouvia impreterivelmente as mesmas afirmações de restrição e desagrado em relação ao 'plano atual' e de ilimitado entusiasmo frente aos novos horizontes entrevistados (CARDOSO, 1973, Int. XVI).

Nessa busca, deixa registrado no *Diário* em 1954 os seguintes trechos: "Recomeço de novo, num plano completamente diferente, *O Viajante*" (p.197); "Escrevo novamente *O Viajante*, uma versão que me agrada bem mais do que a primeira" (p. 202). Em 1957, ele escreve: "... começam a se delinear em meu espírito as linhas mestras de *O Viajante*. O mal, aqui, não deve ser triste nem sombrio: deve ser alegre e pastoral." (p.232). Já em 1958, afirma: "Tenho de refazê-lo todo, e fico imaginando o tempo que me sobra, até julho, data que marquei para concluir este romance." (p.240). É possível, ainda, encontrar nos manuscritos de Lúcio, guardados em seu arquivo, os vários planos que fez para a referida obra. Durante sua trajetória artística, livros foram lançados, outros projetos realizados e *O Viajante* o acompanhava, fazendo-se e refazendo-se paralelamente à vida do escritor. Ainda em 1951, ele escreve:

O livro está de tal modo maduro, tão presentes sinto seus personagens e o frêmito que lhes dá vida, que às vezes vou pela rua e sinto que não sou uma só pessoa, mas um acúmulo, que alguém me acompanha, sardônico e vil, repetindo gestos que agora são duplos, embaralhando minhas frases, com uma e outra palavra que não pertence à realidade, mas ao entrecho que me obseda (CARDOSO, 1970, p. 144).

Essa relação tensa e sempre em confronto com a história de *O viajante* acabou estabelecendo conexão com a própria vida do escritor, uma vida em constante



procura, na ausência de limites. Parecia ser difícil para Lúcio sentir que aquele romance estava satisfatoriamente escrito, até porque os personagens apresentavam-se cada vez mais ricos e potentes confrontando-se com o criador.

A história do romance acontece a partir da chegada do caixeiro-viajante Rafael à pacata cidade de Vila Velha, nos dias que antecedem a festa da padroeira. O personagem chega e movimentava as vidas sufocadas da cidadezinha. À medida que o estrangeiro atravessa aquelas existências, secretamente atormentadas, põe em movimento as forças de vida e de morte adormecidas nos personagens.

Em especial, Donana de Lara, viúva que se dedica inteiramente ao “filho retardado e paraplégico” e Sinhá, menina ingênua que trabalha com o tio forrando caixões numa funerária. Rafael, o cometa, desvela os desejos de cada personagem que sucumbe de paixão e de dor. Donana, por exemplo, empurra seu filho em um precipício para entregar-se ao viajante e Sinhá descobre-se mulher, mas deixa-se morrer pela culpa de trair a promessa de fidelidade ao tio. É uma história de paixão e morte, de extremos, que rompe com os apaziguamentos.

O personagem passa para fazer irromper a violência da vida, o que está encoberto. Ele deflagra verdades escondidas. Chama à atenção a figura forte e inovadora deste protagonista, como afirma Octávio de Faria:

Dessa figura de destruidor, não poucos, sobretudo entre os conhecedores do bom cinema, já terão aproximado a figura do ‘visitante’ do até certo ponto recente filme de Pier Paolo Pasolini (Teorema) que tanta celeuma e tão graves cogitações provocou nos meios intelectuais e artísticos do mundo inteiro. De muitos anos antes data a concepção de Rafael de *O Viajante*, lembro, de passagem...(CARDOSO, 1973, Int. XVI).

Rafael, o “visitante” criado por Lúcio Cardoso, na sua função de caixeiro-viajante, perscruta o íntimo dos personagens, reacende sentimentos mortos, provoca movimentos. Tal personagem, semelhante a um cometa, deslumbra e cintila, deixando em sua passagem uma força mortal. Essa sensação corresponde à maneira como o escritor experimentava a vida que, para ele, apresenta a contínua passagem de um cometa que o desafia e o chama para arriscar uma viagem em sua cauda. Em 1962, ele constata em seu *Diário*:



Há mais de dez anos que temas e planos de *O Viajante* vivem comigo. Leva ele, como epígrafe, uma citação de Byron. Numa época de joycianos e romancistas *nouvelle vague*, quero afrontar o preconceito desse pseudonovo com o direito de ostentar esse velho arabesco da coroa romântica. No fundo, o viajante é a essência do mal, em permanente trânsito pelos povoados mortos do interior. Não é à toa que à profissão de vendedor ambulante deu-se o título de 'cometa'; como tudo o que passa sem pousar, deslumbra e cintila, arrastando à sua passagem essa aura de poesia que muitas vezes é mortal para quem fica. Creio ser este, em linhas gerais, o significado desse romance que já tanto me cansa pela sua longa conexão à minha vida (CARDOSO, 1970, p.289-290).

Na obsessão pelo alcance de uma obra-prima, o escritor não conseguia desvencilhar-se da história, haveria de apresentar ao público um grande romance:

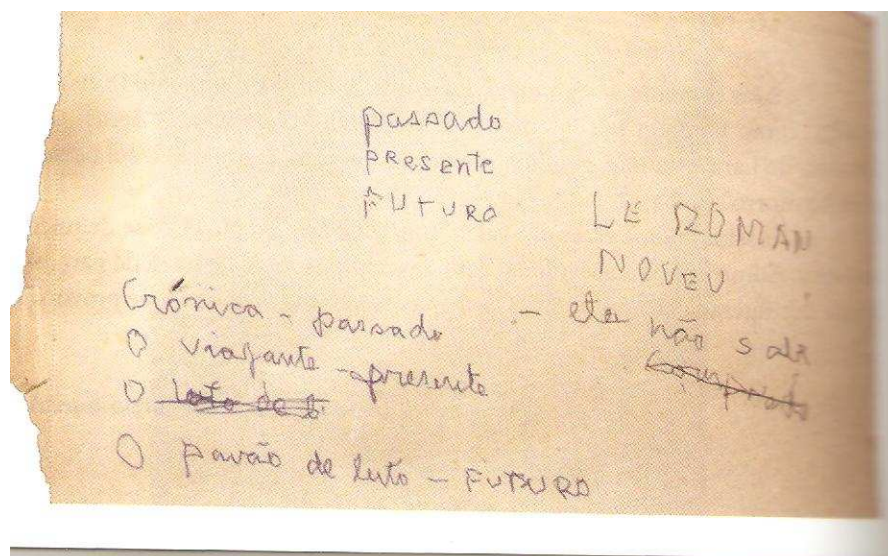
Em linhas gerais, sei tudo o que quero dizer, mas faltam-me precisamente nuances, o rendilhado por baixo da linha grossa que borda o pano. Não se tem o direito de escrever, quando sabemos que ainda não nos achamos prontos, e perfeitos, para a aventura. Que um livro fracasse, é possível – mas é desonesto que fracasse por nossa culpa reconhecida e consciente. Mas em nada perde *O Viajante* com esse atraso... (CARDOSO, 1970, p.266).

Entretanto, em dezembro de 1962, Lúcio foi surpreendido por um gravíssimo acidente vascular cerebral, perdeu o movimento do lado direito do corpo, ficou impossibilitado de escrever. Se a incapacidade de terminar o romance devia-se à exigência da perfeição, após o AVC, a impossibilidade tornou-se física, fazendo com que o escritor se esmerasse em tratamentos fisioterápicos e foniátricos para dar conta daquela história (cf. DAMASCENO, 2012).

A escrita de *O Viajante* invadia as sensações do autor, fazia-se com o esforço do corpo, e ele ficava extremamente susceptível às suas criações. Sentia-se encolher, dilatar, distender com suas histórias, por isso, para ele, a escrita transformara-se num esforço, dispêndio. O processo escritural de Lúcio Cardoso demandava essa inscrição corporal: “Escrevi hoje vinte páginas de *O Viajante* – e com todo o *élan*, com todo o entusiasmo do meu corpo e do meu espírito” (CARDOSO, 1970, p. 236), “começo a pegar fogo e a sentir que o volume aumenta em minhas mãos” (CARDOSO, 1970, p. 264).



Ao ver-se doente, impedido de escrever, o trabalho que lhe custava terrivelmente atingiu um ápice, foi uma imensa perturbação para Lúcio não poder mais reelaborar aquela obra. O corpo mutilado não lhe dava mais o arroubo suficiente de que necessitava para cumprir aquele trabalho, era um corpo excedido de experiência e desejo. Com isso, *O Viajante* firmou-se ainda mais como uma inquietação na vida do escritor e, nas suas conversas, mediadas pelas folhas dos exercícios foniatrícos, deixava registrada sua intenção de escrever o livro. O romance era seu tempo presente, mas um presente que o acompanhava há muitos anos.



Mas o livro que nunca se completara foi lançado em 1973, cinco anos após a morte do escritor. Octávio de Faria, numa atitude desafiadora, reuniu os planos, rascunhos, apontamentos, as conversas e confidências de Lúcio para organizá-lo e oferecê-lo ao público. O amigo escritor, na apresentação do livro, reflete sobre a relação de Lúcio com a obra:

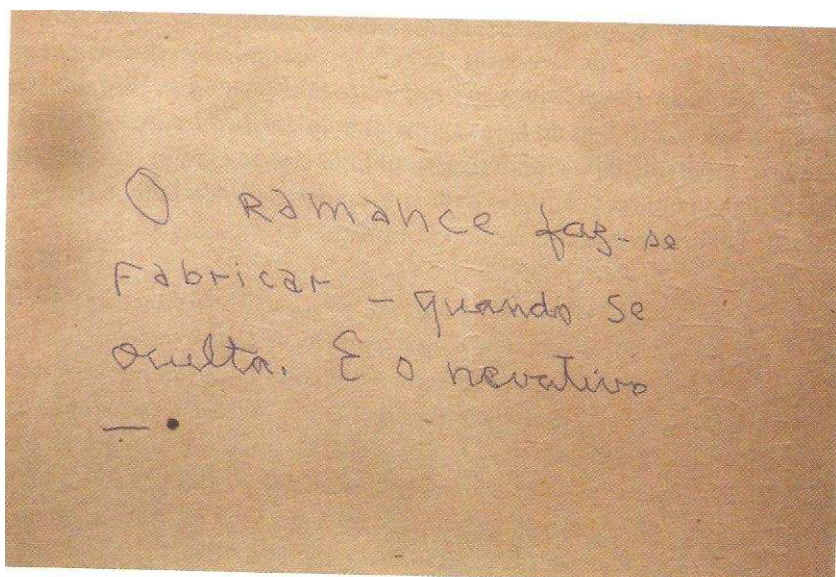
É sob o signo da “luta contra a morte” que a publicação deste romance, *O Viajante*, tem de ser encarado. E, lembremos logo: trazia o título geral de “*A luta contra a morte*”, o primeiro romance cíclico que Lúcio Cardoso concebeu e de que só foi publicado o volume inicial: *A Luz no Subsolo* (1936). Entre essa data – 1936 – e a publicação de *O Viajante* – 1973 – quase tudo o que se relaciona com a obra e a vida de Lúcio



Cardoso – inclusive sua doença (1962) e sua morte (1968) – é sob esse signo dramático de “luta contra a morte” que tem de ser compreendido e situado. (CARDOSO, 1973, Int. XIII)

Como observa Octávio de Faria, *O viajante* carregou uma espécie de luta do próprio escritor contra o acabamento quando não apresentava limites e se colocava em constante expansão, tal qual a vida que escolhera. E, através do amigo, o livro desponta incompleto, com a indagação e a suspeita de outras possibilidades. Octávio de Faria tem o cuidado de apresentar, no final do livro, possíveis complementos, partes desencaixadas e alguns outros acréscimos e variantes. O texto é denso, instigante, reflexivo e o que fica em suspensão ou o que poderia ter sido diferente faz parte do caráter da obra porque ela estava ligada à condição da escrita de seu autor: interminável.

Sinto dia a dia o romance dilatar-se em mim – dilatar-se ao máximo, a ponto de transbordar e começar a ser outra história. E é estranho: quando o silêncio se faz em torno, verifico o levantamento dessas paredes, desses becos, dessas casas fantasmais que se erguem do nada, dessas paisagens ao vento, desse pequeno mundo inexistente de que conheço o mais ínfimo odor, a mais humilde fenda na parede, a luz que bruxuleia na maior distância – e que, no entanto, como nos delírios dos toxicômanos, só existe dentro de mim. (CARDOSO, 1970, p.144-145).

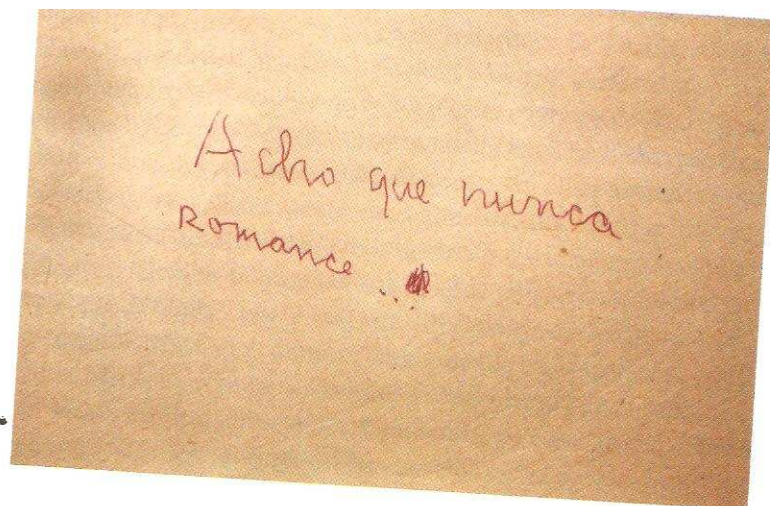




O livro inacabado ainda chegou às telas do cinema. A obra de Lúcio Cardoso, pela força imagética, já era alvo para a produção cinematográfica e Octávio de Faria sempre acreditou que a literatura de Lúcio merecia essa nova concepção. Foi ele quem apresentou o escritor ao jovem cineasta Paulo César Saraceni e a partir desse encontro surgiram dois argumentos cinematográficos. Um deles transformou-se no filme *Porto das Caixas*, em 1962 e, o outro, em *A Casa Assassinada* (1971), baseado no livro *Crônica da casa assassinada*, que explora, tal qual o livro, os fatores psicológicos e existenciais dos personagens. Em 1998, Saraceni realiza o filme *O Viajante*, concluindo assim, a chamada *Trilogia da Paixão*.

O romance que esteve visceralmente ligado ao seu criador durante tantos anos, sem apresentar-se por completo, acaba por cumprir uma trajetória considerável, apesar de ter chegado ao público com suas incertezas. A insuficiência da palavra se desfaz pela força imagética dando-lhe ainda a possibilidade de ir para as telas do cinema.

Talvez o romance já estivesse pronto, nos seus contornos e estado de incompletude, e precisasse de um outro que pudesse apresentá-lo, retirando-o, finalmente, do controle de seu criador. Octávio de Faria foi o grande responsável por este feito. Com isso, *O Viajante*, tão registrado nas folhas esparsas de Lúcio Cardoso, no período em que esteve doente, rompe com o tempo que o próprio autor esperava:





Com essa característica tão forte de passagem, o romance não pôde ser finalizado antes da morte do autor. A intenção de concluí-lo, durante a doença, era a mesma intenção que o acompanhava há mais de dez anos, e não foi somente a enfermidade que não permitiu o ponto final do livro, mas a sua própria inquietude transmitida ao texto, a sua particularidade de não limitar nada e não se dar por satisfeito ou acabado. “Deus me livre de ter ‘chegado’, de nada mais me mover senão o sentimento da plenitude”. (CARDOSO, 1970, p. 149)

Essa era a conexão: uma vida que não repousa, está em desassossego, um livro que não se apresenta por completo, está em constante movimento. A obra em permanente reinvenção, que reflete o espírito do criador, pois já afirmara Lúcio: “Não existo no pleno, e sim no que carece. Assim a melodia se concebe e vibra, ao longo de uma existência que jamais sacia o meu desejo de variedade.” (CARDOSO, 1970, p.23) É, portanto, nesta fenda do livro que está a potência do artista inteiramente presente na obra.

Nota explicativa:

As imagens deste texto pertencem ao arquivo do escritor – AMLB - Fundação Casa de Rui Barbosa – RJ – inventário. Organizado por: I. Rangel, Rosângela Florido, org. II. Leitão, Eliane Vasconcelos, org. III. Título. IV. Série. Pasta LC09d377.

Referências bibliográficas

CARDOSO, Lúcio. *Diário completo*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1970.

_____. *O viajante*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1973.

DAMASCENO, Beatriz. *Lúcio Cardoso em corpo e escrita*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.